

Carta do Editor

Abrimos este número com um artigo que parte de uma elegia à Escola Tropicalista Baiana para chegar a um fulminante veredicto contra o baiano Nina Rodrigues. Com erudição, o autor se debruça sobre um tema que poucos estudaram em profundidade. Desde que a expressão foi cunhada por Antônio Caldas Coni, na década de 1950, a Escola Tropicalista Baiana foi objeto de poucos estudos monográficos, sobressaindo neste vazio o notável trabalho de Julyan Peard, que Nancy Stepan comenta no fim deste volume. Os leitores verão que Pedro Motta de Barros aborda o tema sob prisma diferente, nadando contra as correntes construtivistas ou relativistas que hoje fluem com força no campo da história social das ciências. Não receia sustentar a crença quase positivista nas verdades da ciência nem hesita em pespegar adjetivos fortes que lembram, por vezes, a escrita polêmica dos cronistas do século passado. O editor não concorda com parte das idéias do autor, mas preza sua seriedade, e vê com bons olhos a possibilidade de acender controvérsias nas páginas da revista.

Pelo viés historiográfico transcorrem dois outros artigos que focalizam também o século XIX. O de Luiz Otávio Ferreira, Marcos Chor Maio e Nara Azevedo situa o surgimento da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro no bojo da crise que afetava, então, as instituições médicas oficiais. Os autores assinalam a coalescência de grupos médicos alternativos à margem da tutela estatal, movidos por interesses corporativos e pelo projeto de construção de um conhecimento médico nacional, capaz de se projetar no cenário científico europeu.

Marta Schapira, por sua vez, põe em cena relações igualmente ambivalentes entre medicina e Estado, mas em outro contexto — a Argentina — e focalizando odontólogos, segmento do campo médico que no Brasil tem sido desprezado pelos historiadores. Sua análise descortina interessantes contrapontos nos processos institucionais e normalizadores ocorridos nos dois países.

O artigo de Márcia de Oliveira Teixeira, José Manuel C. de Mello e Tânia C. M. Nunes traz os resultados de um estudo de campo realizado em dois laboratórios da Fundação Oswaldo Cruz, à luz de categorias e método fornecidos por autores que estão na vanguarda do construtivismo e dos estudos etnológicos orientados para os mais diversos *locii* de produção de ciência e tecnologia. Talvez os leitores percebam alguma discrepância de escala entre os resultados obtidos e o aparato conceitual investido neste estudo. Ainda assim, é consciencioso, bem acabado e contribui para a divulgação entre nós de uma literatura ainda pouco conhecida.

Fechamos a seção 'Análise' de artigos com o importante balanço efetuado por Cecília Minayo e Edinilsa Ramos de Souza sobre as correntes teóricas, visões ideológicas e práticas que têm a 'violência' como objeto comum. Do lugar onde se acham — o campo da saúde —, as autoras se lançam na difícil empreitada de separar o trigo do joio no terreno onde se supõe que a violência deita raízes, terreno explosivo, no plano prático, e muito confuso no teórico. A análise tem em mira incrementar o discernimento das áreas profissionais que convergem sobre a violência para que se torne mais viável e eficiente a ação interdisciplinar contra ela.

Partilhamos uma humanidade essencial, universal, como queriam os iluministas e os revolucionários dos séculos XVIII e XIX, ou somos partes irreconciliáveis de totalidades sociais caóticas, que se expandem e incorporam no mesmo ritmo em que diferenciam e fragmentam. Tal questão, que se acha nas entrelinhas do artigo sobre a violência, é trazida a primeiro plano no debate que Jeni Vaitsman capitaneia.

E, na seção 'Imagens', alinhamo-nos com a torrente de projetos e expectativas que o novo milênio já galvaniza. Nos jornais do Rio de Janeiro, Ana Maria Mauad colheu interessantes materiais concernentes à passagem do século XIX para o XX, materiais que suscitarão no leitor os sentimentos paradoxais de familiaridade e estranhamento.

Eis aí os ingredientes deste prato que preparamos para vocês nos dias de intenso calor do verão que — ufa! — ficou para trás.

Jaime L. Benchimol